

## INFORMAÇÕES GERAIS DO TRABALHO

**Título do Trabalho: Os discursos de humor e as representações do feminino<sup>1</sup>**

**Autor (es): Manuella Felicíssimo; Laura Ferreira Silva; Amanda Alves Santos; Weterson Fernando da Silva<sup>2</sup>**

**Palavras-chave: Discurso, humor, gênero feminino.**

**Campus: Betim**

**Área do Conhecimento (CNPq): Linguística**

### RESUMO

Os discursos de humor são contratos de comunicação que têm por intenção provocar o riso do outro. Para isso, é estabelecido um alvo que, via de regra, é rebaixado. Embora o texto humorístico possa ser enunciado por qualquer sujeito, geralmente ele é creditado à *vox populi*. Em outras palavras, trata-se de um dito que pertence à determinada comunidade linguística, fazendo parte de um conhecimento que é partilhado não apenas por aqueles que estão em interação na cena discursiva, mas também por quem está fora dela, os sujeitos sociais. Diante disso, este estudo teve por objetivo a análise dos discursos de humor que engendram a representação do feminino. Para isso, utilizou-se da análise do discurso de linha francesa, mais precisamente das contribuições teóricas de Orlandi (1999), bem como da semiótica greimasiana, sobretudo no que diz respeito à abordagem do plano de conteúdo. A análise do *corpus*, cuja constituição levou em consideração diversos textos que apresentavam a intenção humorística, permitiu a identificação da recorrência de determinados temas, de modo que os textos foram agrupados de acordo com os seguintes percursos temáticos *competência emocional, competência intelectual e beleza e sexualidade*. Os discursos analisados mostraram que a imagem construída sobre a mulher é revestida por valores negativos. O resultado é a configuração de um sujeito (narrativo) não realizado, pouco competente e cujo estado de alma revela a vivência de paixões negativas, tais como a raiva, a inveja e o ciúme. Essa configuração discursiva aponta para uma representação social acerca do feminino, à medida que ela faz parte do imaginário psicossocial.

### INTRODUÇÃO

Este estudo teve por objetivo analisar discursos de humor que engendram a representação do feminino. Para isso, foram utilizados os pressupostos teóricos da semiótica greimasiana e também da Análise do Discurso de linha francesa.

Tendo em vista a finalidade desta pesquisa, é imprescindível considerar que o discurso é uma prática de comunicação que, como tal, insere-se num espaço interdiscursivo que permite a sua emergência; trata-se das condições de produção, no seu sentido mais amplo. Assumindo esse ponto de vista, deve-se

---

<sup>1</sup> O referido trabalho teve apoio do Programa Institucional de Bolsas de Pesquisa do IFMG/Betim (PIBIC Jr).

<sup>2</sup> Manuella Felicíssimo (orientadora); Laura Ferreira Silva (bolsista); Amanda Alves Santos (voluntária); Weterson Fernando da Silva (voluntário).

ter em conta que na interação discursiva não há neutralidade e não há um sujeito dono da enunciação. Em outras palavras, quando alguém enuncia – e assim dá vista à face material do discurso –, esse alguém traz à tona outras vozes, todas as anteriores que constituem a rede discursiva que ancora o dito, permitindo a construção do sentido por aqueles que se encontram na cena da enunciação.

Assim, quando se tomam os discursos de humor como objeto de estudo, considera-se que o que ali se diz enuncia uma realidade maior que a do texto. Como afirma Fiorin (2006, p.45), o discurso “não é um sistema fechado em si mesmo, mas um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, (...) é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução (...)”.

Desse modo, este trabalho foi realizado visando os seguintes objetivos: a) apreender as representações acerca do feminino que são veiculadas nos discursos de humor; b) identificar os valores, saberes e crenças que fundamentam as representações sociais acerca do gênero feminino e analisar as estratégias enunciativas que são acionadas para a construção desses discursos.

Considerando o fato de a nossa sociedade ser fortemente marcada pela violência de gênero (O Brasil é o 5º país que mais mata mulheres), torna-se imprescindível reconhecer os mecanismos que favorecem a reprodução e a naturalização de comportamentos e discursos misóginos. Assim, este estudo se justifica pela possibilidade de abordar os dizeres sociais a respeito do feminino, apontando como certas práticas discursivas favorecem a manutenção da imagem inferiorizada da mulher; processo que, socialmente, culmina na “legitimação” de diversas formas de violência.

## **METODOLOGIA**

O primeiro passo para a realização do trabalho foi dado com o objetivo de compreender o próprio objeto, que é o discurso. Embasando-se na AD de orientação pechetiana, compreende-se que o discurso se revela através da linguagem, mas não é a linguagem em si. O autor francês entende que o discurso é a materialização da ideologia; Orlandi (2002), na trilha do pensamento de Pêcheux, mostra que a análise do discurso não é um estudo gramatical, não é um estudo do sistema linguístico. Para chegar a uma ideia mais precisa desse objeto, a autora recorre à etimologia da palavra e mostra que discurso diz respeito àquilo que percorre, que está em curso: pode-se entender, portanto, que se trata da linguagem em ação.

Além das teorias da AD, buscaram-se subsídios também na semiótica greimasiana. Trata-se de uma teoria que propõe um simulacro para a análise do texto, dividindo-o em três níveis: o profundo, o intermediário e o superficial. Grosso modo, esse simulacro representa o processo de enriquecimento semântico do texto a partir da sua divisão em camadas que são justapostas. Na primeira camada (nível profundo) encontram-se as categorias de base – oposições semânticas que sustentam o texto e que vão sendo “enriquecidas” em cada nível, até culminar no superficial que é o nível. Como afirma Fiorin (2016, p. 23), cada categoria de base “recebe a qualificação semântica /euforia, *versus* / disforia/. O termo que recebe a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele ao qual foi dada a qualificação /disforia/ é visto como um valor negativo”.

Na segunda camada (nível narrativo), observa-se a narratividade, elemento constitutivo de todo texto. Diferente da narração, a narratividade diz respeito a uma transformação de estado, ainda que mínima,

é a passagem do estado inicial para o estado final. São os sujeitos, na relação com os seus objetos, que operam essa transformação.

Por fim, a última camada (nível discursivo), é o lugar onde “as formas abstratas (do nível narrativo) são revestidas de termos que lhes dão concretude” (FIORIN, 2016, p. 41). É também nele que se faz a análise da relação estabelecida entre enunciador e enunciatário, do fazer persuasivo e das formações discursivas que sustentam o texto.

Sobre a noção de representação, foram adotadas as reflexões de Moscovici (2003). De acordo com o autor, as representações constituem-se como um modelo de realidade que, por sua natureza prescritiva e convencional, penetra e influencia a mente de todos os indivíduos. Elas são, portanto, um modelo de verdade preexistente, razão pela qual, defende Moscovici, os sujeitos repensam, recriam a realidade (MOSCOVICI, 2003, p.37).

Por fim, para encerrar a revisão teórica, resta abordar a noção de gênero, conceito fundamental para o trabalho em questão.

Estudos desenvolvidos por autores como LOURO, FELIPE & GOELLNER (2013) e Bento (2003) problematizam a noção de gênero, apontando que, embora muitos acreditem se tratar de um determinismo biológico, trata-se, na verdade, uma construção social, um conjunto de normas e valores que a sociedade criou e que se fundamenta no binarismo masculino/feminino. Mesmo que pareça estranho desassociar a performance de gênero do sexo biológico, não é difícil constatar que masculinidade e feminilidade não são algo estático no tempo e no espaço, o que, entre outros fatores, comprova a tese das autoras.

Sobre o *corpus*, ele foi constituído a partir de uma coletânea de textos que tinham por intenção provocar o efeito humorístico. Levou-se em conta tanto textos os verbais quanto os verbo-visuais, buscados em livros de piadas, páginas de blogs, de jornais, etc. Feito isso, os textos foram separados segundo algumas semelhanças, o que levou à identificação da recorrência de determinados temas. Desse modo, para proceder à análise, eles foram agrupados em três perfis temáticos: *competência intelectual*, *competência emocional* e *beleza e sexualidade*.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A narratividade dos discursos de humor apontou a mulher como um sujeito sem competência intelectual e/ou emocional, incapaz de alcançar o objeto-valor desejado (sujeito não realizado), tomado por paixões negativas, que expressam o malquerer, a inveja, a raiva e o ciúme, por exemplo, e cujo estado de alma vivencia a falta. Além disso, muitas vezes ela é reduzida ao corpo e à beleza (ou falta dela), o que confirma o processo de objetificação, inerente à construção dessa identidade de gênero.

Os temas que mais apareceram e que, por isso, foram trazidos para a análise, *competência intelectual*, *competência emocional* e *beleza e sexualidade* são totalmente condizentes com as imagens que circulam em outros contratos comunicativos e em diversas esferas sociais. Todos eles são encontrados no processo de construção histórica do gênero feminino, a partir do qual foram estabelecidos os papéis,

comportamentos e afetos que lhes são “próprios”. Por essa razão, eles são mais do que a alavanca para o efeito humorístico, são ditos que preexistem e que são compartilhados nos processos de interação dos sujeitos sociais.

Essas imagens, portanto, fazem parte do imaginário social, elas são incorporadas aos saberes e crenças e são dotadas de valores, de modo que se constituem como verdades, como realidade objetiva. Conforme Moscovici (2003), as representações são formas de perceber e compreender o mundo; além de terem um caráter prescritivo, à medida que normatizam, que determinam a forma como as “coisas” devem ser. Assim, não se trata apenas de apenas estratégias textuais, meras imagens formadas no processo enunciativo, elas são muito mais que isso, pois é através delas que se aprende e que também se ensina sobre algo no mundo significado.

As imagens sobre o feminino revelam a construção de um discurso misógino, que é fortemente marcado pela violência simbólica. Esse termo é definido por Bourdieu como toda forma de coerção que leva o dominado a aderir àquilo que é estabelecido pelo dominador. Assim, o primeiro, “para pensar e se pensar e pensar sua relação com ele (dominador), dispõe apenas dos instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante”. Ou seja, aquele que é sujeito à violência simbólica compartilha das ideias e valores daquele que o domina, uma vez que isso é estabelecido no próprio processo de socialização.

Os “dispositivos discursivos” que comunicam o que é o feminino, dentre eles os discursos de humor, favorecem a reprodução dessa relação violenta, garantindo, inclusive, o efeito de naturalidade e, portanto, de invisibilidade da violência empreendida. Importa ainda destacar que, quando se fala em reprodução, naturalização e invisibilidade, fala-se necessariamente de algo que é incorporado ao inconsciente dos indivíduos e, obviamente, da própria sociedade. É essa a razão de a discussão sobre gênero causar tanto incômodo: uma vez que se trata de uma noção engendrada por meio de um discurso biologizante, ela ganha aparência de neutralidade, torna-se um valor dado, indiscutível.

Compreender que os gêneros são papéis sociais e não atributos da natureza é fundamental para que se possa “descortinar” esse efeito de realidade que “justifica” o lugar de inferioridade que a mulher ocupou e ainda ocupa. Mais que uma posição hierárquica, esse é um lugar hostil. É ele que responde pelas tristes estatísticas que registram as diversas formas de violência sofrida pelas mulheres.

Em pesquisa<sup>3</sup> encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, constatou-se que a violência contra a mulher é persistente, mesmo após o enrijecimento do código penal, com a aprovação da Lei Maria da Penha, em agosto de 2006. Os dados apontam que 503 mulheres são agredidas por hora no Brasil, 66% dos brasileiros presenciaram alguma mulher sendo vítima de agressão física em 2016. Acrescenta-se ainda o fato de o Brasil ser o quinto país onde mais se matam mulheres. Sobre a violência

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada pelo Datafolha, de janeiro a dezembro de 2016. Dados acessados em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contras-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

sexual<sup>4</sup>, dados recentes registram que em 2017 ocorreram 135 estupros por dia. O número assustador tende a ser ainda maior, uma vez que ele só leva em conta os casos que são notificados.

Além disso, os discursos sexistas também respondem pelos lugares que as meninas/mulheres são levadas a ocupar na sociedade. A elas ainda são delegados o espaço e os afazeres domésticos; elas ainda ganham menos; são excluídas dos espaços políticos; são preteridas nos lugares de liderança. Esse quadro mostra como a sociedade se organizou e se organiza para manter uma desigualdade que é estruturante.

Reconhecer os mecanismos pelos quais essa realidade é imposta é fundamental para que sejam criados os meios que promovam a sua superação e, conseqüentemente, a emancipação das mulheres. Algo que somente será possível se entendermos o papel que a linguagem tem nesse processo, pois é por meio dela que se cria a realidade, é por meio dos sentidos que o mundo é significado. Logo, é preciso resignificar, alterar maneira como o feminino é nomeado, qualificado e valorado. É a nova linguagem que configurará uma nova forma de pensamento e um novo pensamento pode construir novas e mais saudáveis relações.

## CONCLUSÕES

A análise dos textos de humor revelou a construção de uma narratividade que, no nível discursivo, engendra determinadas imagens sobre o feminino. Para proceder ao estudo, primeiramente, os textos foram divididos em grupos temáticos, assim nomeados: *competência emocional*, *competência intelectual* e *beleza e sexualidade*. Esses temas evocavam outros discursos que apontavam para determinadas formações discursivas FDs, que atuam como instância legitimadora daquilo que é enunciado. Foi bastante comum a presença da FD da Ciência, bem como do senso comum, lugares onde o sujeito enunciativo busca os “já-ditos” para coloca-los na cena enunciativa do humor.

Isso quer dizer que a forma como as mulheres foram significadas é condizente com a maneira como elas, de fato, são concebidas socialmente. O que se confirma quando se entende que os discursos projetam sujeitos internos ao texto (os textuais) e também externos a ele (os sociais). Ou seja, o enunciativo e o enunciatário projetados na materialidade textual são instâncias discursivas dos sujeitos sociais.

As imagens instauradas na cena enunciativa são projeções de sujeitos ideológicos, os quais revelam seus valores, saberes e crenças a partir dos posicionamentos que assumem, imprimindo-os em seus discursos. Assim, elas (as imagens) foram assumidas como representações sociais que, para além de meros artifícios textuais, são evidências dos saberes e das crenças que constituem o imaginário psicossocial.

---

<sup>4</sup> Resultados divulgados no site da Folha, em 04 de agosto de 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1931609-brasil-registrou-135-estupros-e-12-assassinatos-de-mulheres-por-dia-em-2016.shtml>>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D.L.P. **A construção discursiva do discurso intolerante**. Disponível em: <[http://diversitas.fflch.usp.br/files/Texto%20Profa.%20Diana%20Luz%20Pessoa%20de%20Barros%20\(1\).pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/files/Texto%20Profa.%20Diana%20Luz%20Pessoa%20de%20Barros%20(1).pdf)>. Acesso em: 03/01/2018.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA: Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. São Paulo: Vozes, 1998.p. 39-64.

ENGEL, Magali. História das mulheres no Brasil. Del Priori, Mary (org.). 10ed. 5ª impressão. São Paulo: Contexto, 2017.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 34ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, G.LOPES.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

## Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

- Parte do trabalho foi publicado, ainda em seu estado inicial, no congresso *IV Seminário Internacional de Estudos Sobre o Discurso e Argumentação* (2018), realizado em março na cidade de Buenos Aires, Argentina.
- Os resultados da pesquisa serão apresentados no I Seminário Internacional, III Seminário Nacional e II Seminário da RFEPCT: *Afirmção das Diversidades: Relações étnico-raciais, gênero, juventudes e inclusão de PNE'S*, em setembro de 2018, no CEFET/MG.